

1. Reynaldo Moura
2. Eles não leram Remarque.
3. Correio do Povo
- 4.
5. Porto Alegre
6. Domingo, 22 de novembro de 1931
7. n.º 274
8. Colaborações
9. Bem
10. Lisiane S. Heermann
11. 26 de janeiro de 1996.

Eles não leram Remarque
(Especial para o "Correio do Povo")

O pallo distante parecia imóvel. Era um deito sem escamas, de cor ba- ga e medrosa que tem a atração de todas as rimas e de todos os carmins vertiginosos da morte e do sangue. Im- móvel no contorno impreciso das extremi- dades entre avaras seccas, mas nurem sobre "tapisroulant" na redonda visão da luneta.

Ha perigos rómicos na imaginação da grande infância humana, que descem dos mysterios planetarios, envoltos na enfer- ma tristeza da luz. Esse brotava das chagas geometricas da terra, vinha da bocca de metal quiz dos canudos da

Chimica, e não trazia da ameaça distante e perfumada de morte, os gritos da alarmante desgraça.

Estávamos a dois passos de uma trincheira, e a interminável vala comum da estratégia condecorada era agora um tranquilo binguedo fluvial. Sobre o comodo cauchu de um automovel blindado do Kaiser tramos cinco (projectos) projectos de vida nova, após aquella ultima excursão ao "front".

Um engenheiro especializado. Um major que ha seis meses deglutia a saudade loira das cerejeiras de Berlim. O jornalista de Amsterdam, correspondente de não sei que periodico junto a festa dos tanks, Eu, ex-(capitão) espião alemão na America do Sul e homem de letras. Quasi um clandestino, pelo habito. O chofér soldado - um filho natural de D'Annunzio - Duas metralhadoras ultimo type. Pouquissima gasolina. Doze (cilindros) cilindros em V.
Murem...

Parece a indecisão das coisas que ainda não escolheram a forma propria e usam mascara, philosophicamente, como a China cõr de ~~ouro~~ ouro, como as dentilhas inexpressivas, envoltas no sudario e no ritual de incenso.

Ha duvidas que são fumo e miragem. Ha nuvens fulgurantes onde o hada enonda a elaboração de novos sistemas...

É aquella, seria de que?

De oxy-chloreto de carbono? A oza aguda das arsinas, do brometo de cianogeno, perfumando a ultima visão da vida? De chloro, não. De que?...

Mascaras. São os chromes mais lindos de uma afiadissima civilização científico-animal. É um gozo de outro mundo quando todos afirelam essas caretas entomologicas e, como camondegos deante de perieps proximas, presentem com o latejar das ventas, dos olhos, dos ouvidos, das interjeições idiotas, a nuvens romantica que vem fazer ambiente para o drama sem sangue, mas tipo Rosnyainé, Wells, ~~Olaretie~~ Olaretie (Julio Verne não tinha disse).

Mas aquella rimpa suspensa botou no vento que nasceu de repente. Havia por traz de toda aquella "maquillage" do céu um rumor, assim como o de um bote-motor, enorme, lá longe, entre as estellas — um cano de descarga do tamanho de um bende!

A esponja do que tinha de ser apagou tudo. Outras linhas proximas esperavam. Não chegou pá nós o veneno lacrymogeno. Lagrimas sem dor — quanta anticipação!

A guerra!

Ale a palavra tem um sabor de loucura. Um ~~cheiro~~ cheiro de ether, que é o desequilíbrio dos nervos a entrada dos hospitais de sangue.

Gravões no alto. Os motores implacáveis. A ansiosa busca pelo céu. Não há sub-solos, não há porões capazes de abrigar o pavor enrodilhado e latejante. Porque o avião parou como si fosse apenas a sombra de azas de panne paradas, rápida acompanhando o sol escarlate. Que há? Que foi? Depois do fracasso, o pânico explosivo não faz mais que constatar, entre gritos vivantes de medula havalhada, o irremediável de todas as maldições.

A guerra!

Elles não leram Remarque...

Abro a última edição da História da Humanidade. Capítulo hieroglífico decifrado

Civilização Oriental!

Techa-se os olhos. Evoca-se um silêncio pandemonio de formas loboides que se agitam infatigavelmente. O tranqüillo fulgor dos templos innumeráveis, séculos que encheram museus. Cachimbos que não o corpo de delicto da política europeia.

O sorriso das caricaturas amarellas...

Quando a gente é criança e lê aquella brochura barata de fogo, o

Victor, não o Wast, não pensa no chinês.
 Não brinca, na infantilidade de imagi-
 nação, com as figurinhas de cobre. O
 homem que se continua personagem
 notável no enredo do ex-acontecimento
 literário. Entretanto é lá na outra civiliza-
 ção, que todos os dentes de marfim mostram
 o claro teclado silencioso.

Monerão por atacado, mas sorrindo.
 Sorrindo para esse imenso idolo
 de porcellana - a China, deslumbramento
 e sonho na ronda lantejoulada das len-
 das.

Viva a China!

Viva o Japão!

Dire háver dentro daquelle illimitado
 "tank" de gelo, um pouco acima, um pouco
 ao norte, um uso branco com idéias
 avançadas!

E feinho vermelho.

E a inenarrável volúpia das con-
 quistas mentaes.

Ypés. Louvain. Marne...

Eu não falo nos pequenos episodios
 da morte. Faz de conta que elle agita
 com palavras ardentes agios soldadinhos
 de panelão.

Tsushima. Mukden. Porto-Arthur...

Escutemos os canticos dos que partem
 sem odio. O homem tee com palavras aã,
 como toda as coisas no tempo, e corôa

para o determinismo biológico de seu
auto-massacre.

É por isso que a vida é bella.

Tudo aude no gozo do contraste eterno.

Não aconteceu a mesmice do Eden.

Seria o Jardim sem imaginação.

Eu vivo!

Esta constatação é deliciosamente
triste. E vivo enquanto os meus irmãos
cor de azitena morrem sem Crucifixo nem
estatística.

O obituario por atacado é a
melhor prova de patriotismo.

Viva a China!

Viva o Japão!

O sacrificio amarelo resolverá o
problema do mundo.

Reinaldo Moura